



Ações músico-pedagógicas por, para e entre mulheres: uma análise a partir da teoria da ação de Alfred Schütz

Comunicação

Maria Amélia Benincá de Farias
UFRGS / IFRS
maria.beninca@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa de doutorado em andamento que tem como objetivo geral compreender ações músico-pedagógicas feitas por, para e entre mulheres, na cidade de Porto Alegre, no período de 2019-2020, na perspectiva das colaboradoras que as produziram. Além disso, tendo a teoria da ação de Schütz como fundamentação teórica, o trabalho procura contribuir com os diálogos possíveis entre a Sociologia e a Educação Musical. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, tendo as entrevistas como principal ferramenta de produção de dados. A teoria da ação de Schütz tem contribuído para uma análise centrada na perspectiva do sujeito que projeta, executa e reflete sobre a ação. O que a análise dos dados, a partir desta teoria, tem mostrado é que, eventualmente, os motivos das colaboradoras serão diferentes dos objetivos dos projetos aos quais elas decidem se engajar; que a forma como as ações ocorrem contribuem para que as mulheres responsáveis pela produção dos eventos também se sintam impactadas e atravessadas por eles e que nem sempre o sucesso do projeto significará, necessariamente, o sucesso da ação: é preciso sempre refletir o que as colaboradoras esperavam ao engajar-se nas ações e o que elas, de fato, alcançaram.

Palavras-chave: Ações músico pedagógicas; teoria da ação; Sociologia da Educação Musical.

Introdução

A presente comunicação origina-se na minha pesquisa de doutorado, em andamento, iniciada em março de 2019. Já em fase final, com previsão de ser defendida até março de 2023, a pesquisa é orientada pela Prof^a Dr^a Jusamara Souza e está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, tendo a Educação Musical como área de concentração. A pesquisa também conta com o apoio do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, *campus* Porto Alegre, no qual sou professora, e que me concedeu, em 2020, afastamento com substituição para dedicação exclusiva ao doutorado.



A pesquisa tem a teoria da ação do filósofo e sociólogo alemão, Alfred Schütz, como principal eixo teórico. O campo onde ela se desenvolve é a cidade de Porto Alegre, no período de 2019 a 2020, quando diversas ações músico-pedagógicas feitas por e para pessoas do gênero feminino foram realizadas por meio do trabalho voluntário de um grupo de colaboradoras dedicadas a estas ações. O objetivo geral da pesquisa é compreender as ações em questão, na perspectiva das mulheres que as produziram.

As ações dividem-se em duas categorias: os acampamentos de música, que podem ser para meninas mais jovens (7 aos 17 anos) ou para as mulheres adultas, além de uma banda de karaokê formada pelas colaboradoras, criada para angariar fundos para os acampamentos, por meio de eventos abertos ao público, que é convidado a cantar com a banda e doar para as ações. Nos acampamentos em questão, num período muito curto de tempo (de quatro dias a uma semana), as participantes (chamadas de campistas) aprendem um instrumento musical, formam uma banda, compõem uma música e apresentam-se ao fim da ação para familiares e outras pessoas convidadas. As inscrições são por ordem de chegada e não há qualquer exigência com relação a ter ou não experiência musical. Os acampamentos são marcados por uma vivência intensa e imersiva, onde as campistas aprendem a tocar, compor e se expressar, orientadas por voluntárias mais experientes em música e/ou produção cultural, que, no decorrer daquela semana, se dedicam integralmente à ação.

Apesar dos acampamentos contarem com o trabalho voluntário de diversas mulheres, eles têm um custo elevado, em função especialmente de equipamentos, materiais e alimentação. Assim, ações são pensadas para angariar fundos e diminuir o máximo possível o valor de inscrição das campistas. Em 2019, uma dessas ações foi o karaokê com banda de mulheres. A ação, que foi pensada como um evento único para levantar doações, acabou sendo um sucesso e teve um total de quatro edições até o início do período de restrições em função da pandemia de Covid-19, em março de 2020. A banda era formada por voluntárias do acampamento que, de forma muito despretensiosa, tocavam qualquer música solicitada pelo público. Entre as integrantes da banda, havia musicistas experientes e iniciantes, que ajudavam umas às outras nos ensaios e apresentações, compartilhando experiências, conhecimento e incentivo.



A pesquisa contou com dez colaboradoras do grupo de voluntárias. Além disso, no decorrer dos acampamentos e edições do karaokê que participei, mantive registros em diários de campo que também contribuíram com a produção dos dados nas entrevistas, bem como com sua posterior análise. À medida que os dados eram produzidos e discutidos em orientações, e inspirada pelos diversos estudos do grupo de pesquisa [NOME DO GRUPO], a teoria da ação de Schütz estabeleceu-se como uma fundamentação teórica adequada à análise do campo. Cada vez mais dedicada ao seu estudo, passei a ter como um segundo objetivo explorar e aprofundar o potencial do desenvolvimento desta teoria em diálogo com a Educação Musical.

Metodologia

Esta pesquisa alinha-se com a Sociologia da Educação Musical, portanto é adequado que a abordagem metodológica também se fundamente no diálogo com a Sociologia. Assim, esta é uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por um viés sociológico (MELUCCI, 2005, PIRES, 2014), que tem as entrevistas como ferramenta de construção de dados. A abordagem adotada possibilita “compreender como as pessoas dão sentido à música que ouvem e ‘veem’ no dia a dia e que, de certa forma, lhes oferecem um sentido para si próprias” (SOUZA, 2008, p. 8).

Por tratar-se de um campo composto por pessoas do gênero feminino, no qual a própria questão do gênero era determinante tanto para se estar no grupo quanto para se definir o público-alvo das ações produzidas, as entrevistas foram, especialmente, fundamentadas na obra de Oakley (1981, 2015) sobre entrevistas com mulheres e na obra de Limerick, Burgess-Limerick e Grace (1996), sobre as dinâmicas de poder na entrevista¹.

As dez colaboradoras da pesquisa foram entrevistadas entre dezembro de 2019 e maio de 2020. Realizei uma entrevista com cada uma, e, das dez, nove foram gravadas; uma das colaboradoras informou sentir-se muito desconfortável com a gravação. No caso dela, apenas tomei notas da nossa conversa, que durou cerca de duas horas, produzindo,

¹ Para mais detalhes sobre a fundamentação teórico-metodológica das entrevistas nesta pesquisa, ver “A entrevista na pesquisa qualitativa em Educação Musical: aportes metodológicos da Sociologia” (FARIAS, 2021).



posteriormente, um relatório, enviado para ela revisar. As demais entrevistas foram gravadas, transcritas e enviadas para revisão para cada uma das colaboradoras.

Seu anonimato foi preservado ocultando-se informações sensíveis que poderiam levar a uma identificação e substituindo seus nomes por pseudônimos de mulheres que elas admiravam – famosas ou não. O Quadro 1 resume estas informações. No caso das colaboradoras que optaram por nomes conhecidos, no decorrer do relatório de pesquisa elas são indicadas por apenas um destes nomes, destacado no quadro, em negrito.

Quadro 1: Resumo das informações das entrevistas

Pseudônimo	Data da entrevista	Meio da Entrevista	Duração da gravação	Páginas da transcrição
Kim Deal	13/12/2019	Presencial	1h 18min	22
Nic	13/01/2020	Presencial	1h 25 min	30
Elza Soares	06/03/2020	Presencial	1h 07 min	18
Gasparina	10/03/2020	Presencial	1h 26 min	23
Rita Lee	11/03/2020	Presencial	--	--
Marisa Monte	23/04/2020	Virtual	1h 30 min	22
Margareth Menezes	29/04/2020	Virtual	1h 21 min	24
Maria Bethânia	05/05/2020	Virtual	1h 35 min	29
Esperanza Spalding	18/05/2020	Virtual	1h 19 min	19
Missy Elliot	27/05/2020	Virtual	1h 15 min	19
Total			12h 16 min	206

A teoria da ação de Alfred Schütz

O primeiro aspecto a destacar-se com relação à sociologia de Alfred Schütz é o fato de que, nela, o empreendimento sociológico é, “primordialmente, o de analisar como se dá



esse processo interpretativo do sujeito sobre a realidade e suas consequências na configuração da sociedade e de todos os fenômenos sociais” (SANTOS, 2018, p. 14). Trata-se, portanto, de uma compreensão da realidade social que parte “dos diferentes significados que os indivíduos atribuem a suas experiências” (Ibidem.).

Neste campo empírico, as experiências dos indivíduos são categorizadas como ações e a pesquisa dedica-se a compreender as razões, maneiras e impactos dessas ações na vida dos indivíduos que as executam. A teoria da ação de Schütz possibilita construir uma linha de pensamento em que a ação em estudo, do início ao fim, está intrinsecamente ligada ao sujeito, cujos conhecimentos e significados o direcionam para e através da ação.

O conceito de ação, em Schütz, liga-se ao conceito de conduta, que se refere “a todos os tipos de experiências espontâneas com significado subjetivo” (SCHÜTZ, 1979, p. 123). Não há, ainda, o elemento da intenção na conduta; quando este elemento se estabelece, ela passa a ser lida como uma ação, termo que “designará a conduta humana como um processo em curso, que é projetado pelo ator com antecedência, isto é, com base num projeto preconcebido” (Ibidem., p. 138). A ação, portanto, é uma conduta que tem um projeto por base e a execução desse projeto na realidade concreta é denominada como ato: “o resultado desse processo em curso, isso é, a ação realizada ou o estado de coisas provocado por ela” (Ibidem., p. 138).

Uma das principais características da ação é o fato dela tratar-se de “um comportamento motivado” (SCHÜTZ, 1979, p. 124), ou seja, cuja existência depende do estabelecimento de motivos concretos e convincentes para o sujeito. Schütz aponta a existência de dois tipos de motivos, os motivos porque e os motivos a-fim-de (Ibidem., p. 124). Os motivos a-fim-de relacionam-se com o futuro almejado pelo sujeito, o “ato projetado, isto é, o estado de coisas pré-imaginado que será acarretado pela ação futura” (Ibidem., p. 124). Os motivos porque, por outro lado, relacionam-se com as experiências passadas do sujeito e ligam-se à gênese do projeto no qual a ação irá basear-se. Trata-se, enfim, dos motivos que “determinaram que ele agisse como agiu” (Ibidem., p. 125).

Existem ainda outras diferenças importantes entre estas classes de motivo. Os motivos a-fim-de são aqueles que disparam a ação em si, “a ‘palavra de ordem’ voluntária, a decisão: ‘Vamos!’, que transforma a fantasia interior em desempenho ou ação que afeta o



mundo exterior” (Ibidem., p. 124). Dentro do meu conhecimento, eu tenho a capacidade de levar a cabo muitos projetos em potencial, mas sem um motivo a-fim-de, um estado de coisas futuro almejado, eu não levarei adiante a execução de qualquer um deles. Os motivos a-fim-de também são aqueles que estão acessíveis ao sujeito (e apenas a ele) desde o início da ação: ele sabe o que ele visualiza e busca lá adiante quando se engaja na execução de uma ação. Já o motivo porque – aquele que determinou que ele agisse como agiu, que, enfim, estabeleceu um determinado projeto como potencial em seu conhecimento – só ficará acessível ao sujeito uma vez encerrada a ação: “Somente quando a ação é realizada [...] é que ele pode voltar-se para a sua ação passada, como um observador de si próprio e investigar em que circunstâncias foi determinado que fizesse o que fez” (Ibidem., p. 125).

Neste jogo de perspectivas futuras e olhares reflexivos para o passado, um aspecto que se estabelece como relevante na análise da ação é a compreensão da sua estrutura temporal. A ação, do início ao fim, passará necessariamente por três momentos distintos: projetar e deliberar, o ato e a retrospectiva.

Tudo começa com o estabelecimento dos motivos a-fim-de que disparam a ação. Nesse momento, estabelece-se a necessidade de deliberar entre projetos potenciais e, no ato de fantasiar e imaginar o estado de coisas futuro a que cada projeto chegará, o sujeito irá optar pelo projeto que se mostrará o mais adequado aos seu contexto presente e aos seus motivos a-fim-de.

Nessa etapa da ação, este projetar não passa de uma fantasia na subjetividade do sujeito. Instigado pelos motivos a-fim-de, o sujeito passará à execução do projeto, ou seja, sua transformação em um ato. Enquanto executa o projeto no qual sua ação baseia-se, sua atenção está no ato em si e nos objetivos que pretende alcançar. Ele irá consultar constantemente o mapa mental que tem e que caracteriza a ação, adequando o que projetou com o que está se concretizando de fato. A organização desse conhecimento “é um elemento exclusivamente subjetivo, e por isso mesmo o ator, enquanto vive em sua projeção e atuação, sente-se motivado exclusivamente pelo ato projetado no sentido a-fim-de” (SCHÜTZ, 1962, p. 72, tradução nossa)².

² No original: [...] is an exclusively subjective element, and for this very reason the actor, as long as he lives in his projecting and acting, feels himself exclusively motivated by the projected act in the way of in-order-to (SCHÜTZ, 1962, p. 72).



O momento final se dá quando a ação já foi concluída, podendo ser observada pelo próprio ator de forma retrospectiva. É nesse momento, de olhar para trás e refletir, que o significado da ação se sedimenta no conhecimento do sujeito. Schütz detalha:

O significado [...] não é uma qualidade inerente a certas experiências emergentes em nosso fluxo de consciência, mas o resultado de uma interpretação de uma experiência passada vista do presente "Agora" com uma atitude reflexiva. Enquanto eu viver em meus atos, direcionados aos objetos desses atos, os atos não terão nenhum significado. Eles se tornam significativos se eu os apreender como experiências bem circunscritas do passado e, portanto, em retrospectão. Somente experiências que podem ser lembradas além de sua realidade e que podem ser questionadas sobre sua constituição são, portanto, subjetivamente significativas (SCHÜTZ, 1962, p. 210, grifo no original, tradução nossa)³.

É importante destacar que estes três momentos são apresentados como pontos distintos e lineares apenas para fins didáticos. Na realidade, o sujeito projeta, delibera, executa e analisa o que já fez, tanto nas menores tarefas da ação, quanto numa perspectiva maior. No desenrolar da ação – considerando ainda que cada sujeito, no contexto complexo da vida cotidiana, estará envolvido em diversas ações ao mesmo tempo – o ator envelhece: seu conhecimento se amplia, o que possibilita um constante e renovado olhar sobre o mapa da ação, que é revisitado e reajustado constantemente, para se chegar aos objetivos futuros, que também podem ser readequados se necessário.

Primeiros resultados: a contribuição da teoria para a análise

A teoria da ação de Schütz tem contribuído para lançar um olhar sobre os dados que prioriza a perspectiva dos sujeitos que se engajam nas ações. No caso desta pesquisa, trata-se de ações músico-pedagógicas, ou seja, ações que têm como base projetos músico-pedagógicos. É importante pontuar aqui que ação e projeto não são sinônimos. O projeto é entendido como uma unidade de conhecimento organizado que, embora originado na

³ No original: Meaning, [...] is not a quality inherent in certain experiences emerging within our stream of consciousness but the result of an interpretation of a past experience looked at from the present Now with a reflective attitude. As long as I live *in* my acts, directed toward the objects of these acts, the acts do not have any meaning. They become meaningful if I grasp them as well-circumscribed experiences of the past and, therefore, in retrospection. Only experiences which can be recollected beyond their actuality and which can be questioned about their constitution are, therefore, subjectively meaningful (SCHÜTZ, 1962, p. 210).



experiência do sujeito, existe de forma autônoma. Um projeto tem objetivos, metodologias, referências próprios. Entretanto, apenas quando um sujeito engajado em iniciar uma ação entra em cena, esse projeto passa a ser potencialmente executável. Nesse sentido, nota-se que os objetivos do projeto e os motivos do sujeito muitas vezes não serão os mesmos: eventualmente, o projeto em questão apenas servirá para se chegar ao estado de coisas futuras almejado pelo sujeito.

As ações músico-pedagógicas em questão baseiam-se em projetos que têm, de forma geral, o objetivo de proporcionar espaços de prática musical para pessoas do gênero feminino. Enquanto algumas das colaboradoras tinham um interesse e envolvimento direto com questões de música e gênero, para outras, a decisão de participar não teve qualquer relação direta com isso. É o caso, por exemplo de Elza:

Eu estava em um momento da minha vida que eu fiz uma mudança bem radical. Eu achava que eu já tinha feito todas as minhas escolhas e que a minha vida só ia andar, 'agora é só subir a montanha', e na verdade teve uma avalanche, eu rolei de novo, fui para o outro lado da montanha, vi um vale gigantesco, disse, 'nossa gente, onde eu estava??'. E aí eu me permito fazer, me dei tempo de fazer coisas que antigamente eu não me dava tempo. Aí eu decidi que eu ia parar uma semana, para fazer aquilo, para me dedicar (ELZA, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

Quando Elza engajou-se nessa ação, não foi porque ela estava preocupada com a atuação feminina na música. Ela o fez em função de uma demanda pessoal, uma necessidade de interromper, temporariamente, o fluxo cotidiano da sua vida e fazer algo diferente, que a ajudaria a refletir sobre seus planos futuros. A escolha por fazer isso, atuando nesses projetos, se deu porque ela conhecia alguma das mulheres que trabalhavam na ação e tinha a expectativa de se divertir e aprender algo no processo. Ela explica:

Eu sabia que esse trabalho específico [o acampamento de música para meninas], pelo menos eu ia me divertir muito, eu tinha essa sensação de que eu ia me divertir. E que ia aprender com elas também, alguma coisa, porque eu admirava muito elas musicalmente, e daí eu pensei, bom, vamos estar nesse ambiente, alguma coisa eu vou aprender também (ELZA, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

De fato, algumas características desses projetos, em especial dos acampamentos de música, possibilitam que mesmo as colaboradoras que trabalham na ação sejam tão



contempladas pelos seus efeitos quanto as próprias campistas. Pensando especificamente sobre a aprendizagem musical proporcionada pela imersão que caracteriza os acampamentos, Elza observa:

Eu acho que o método que é criado ali dentro também... Ele incentiva a isso, ele é todo feito para isso, não existe uma outra coisa lá dentro que não seja isso. [...] [eu] que não era [não estava em] uma função diretamente ligada a um instrumento musical, eu estava cuidando delas [das campistas] no momento em que elas faziam a composição, na hora do ensaio [...]. Então, mal ou bem, tu vive uma imersão nesse universo musical. E pra mim foi muito transformador, eu nunca tinha vivido isso (ELZA, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

Como observa Elza, quando ela atuou no acampamento, ela não o fez numa função especialmente musical. Como durante os acampamentos de música há muitas questões logísticas e técnicas, além do seu cerne, que é a prática musical, mulheres que não tocam também conseguem atuar na ação. Porém, o que se observa, é que nessa convivência intensa com outras mulheres que tocam, mesmo as colaboradoras com menos experiência musical motivam-se a aprender coisas novas. É o que relata Missy, quando fala dos momentos de prática musical que muitas vezes ocorrem nos acampamentos e no próprio karaokê com banda de mulheres, formado entre as voluntárias

Porque tu vê uma Marisa da vida que toca tudo que bota na mão dela, ela toca, a [voluntária A], que faz chover com os instrumentos, enfim, todo mundo, e cada um também com seu instrumento, tocando bem. Mas independente de tocar bem ou mal, alguém, mesmo que a pessoa não se sinta, tipo a [voluntária B], aprendendo a tocar baixo, mesmo assim foi lá e tocou, sabe? Aí, tu te sentes inspirada e motivada, a querer aprender alguma coisa, pra justamente se envolver de outras maneiras (MISSY, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

O desejo de engajar-se em novas práticas musicais não vem apenas da observação das demais colegas colaboradoras na ação. As voluntárias também são impactadas ao observarem as participantes campistas, sejam as meninas ou as mulheres mais velhas, encarando os desafios propostos pelas ações e superando seus medos. É o que mostram, por exemplo, os relatos de Kim e Marisa:

E aí, por causa desse show [de encerramento do acampamento de música], eu voltei pra [CIDADE] e eu disse, eu vou tocar! Minha baixista era menor



que o baixo, tinha oito anos, no fim, no último dia de aula, ela tinha esparadrapo em todos os dedos, porque doía, né? E aí eu pensei, por que que eu não tô tocando, entende? E eu tô lá achando que eu não posso tocar minhas três notas (KIM, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

[...] eu acho que é por isso que me tocou, trazendo pro racional, que tenha me tocado tanto. Ver aquelas mulheres [campistas] se permitindo arriscar numa coisa que elas nunca tinham feito, e que a chance de ficar uma coisa muito ruim era grande, como qualquer coisa que a gente começa, a chance é grande, mas elas se permitiram se soltar e criar e gritar e se expressar e criar músicas que falavam sobre coisas importantíssimas pra elas [...]. A vergonha que eu tenho de subir num palco, já sabendo um pouco tocar, é a vergonha que elas não tiveram (MARISA, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

Vivendo uma experiência musical intensa e imersiva, na companhia inspiradora de seus pares, quando as ações terminam e as colaboradoras precisam retomar suas atividades rotineiras, elas se veem refletindo sobre planos e projetos futuros. Gasparina, musicista profissional, se viu, ao final de uma das ações na qual foi voluntária, questionando alguns projetos nos quais estava envolvida:

Eu acho que o acampamento de música pra meninas um pouco é isso também, é você se sentir útil e valorizada em todos os aspectos, em todos os âmbitos, porque você está ali profissionalmente, você está sendo respeitada pelas outras voluntárias, pelas coordenadoras, pelas campistas. É uma coisa que faz super sentido, que ressoa, e depois tu volta pra um, ah, tá... [desanimada] que é legal! Mas que, tipo, não é tão legal. [...] E aí parece que quando apareceu o acampamento e as coisas fizeram sentido de novo, isso me ajudou a entender que meu trabalho já não estava legal. E me mostrou que eu poderia ter outros trabalhos mais legais. E que então, não fazia sentido eu continuar lá, sendo que não estava tão legal... E eu queria abrir espaço pra outras coisas legais (GASPARINA, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

É notável, portanto, que após a execução dos projetos e o encerramento das ações, impactos foram sentidos pelas colaboradoras, mesmo elas não sendo o público-alvo dos projetos. Na análise desses impactos, pode-se ponderar se eles foram positivos ou negativos, adequados ou não e se eles foram próximos ao esperado ou completamente surpreendentes, destacando ainda que o sucesso do projeto não significa, necessariamente, o sucesso da ação. Um exemplo disso, é o fato de que, embora os projetos realizados sempre tenham alcançado seus objetivos, o grupo de voluntárias que realizou as primeiras edições de acampamentos na



cidade traz nos seus relatos um tom de cansaço e desejo de se afastar das ações, uma vez que não tem sido mais possível acomodar a realização delas em suas vidas cotidianas. Como resume Kim, uma das colaboradoras que está a mais tempo no grupo:

E fora assim, a gente, principalmente metade de nós sendo mães, a gente está abdicando de tempo dentro de casa pra fazer um trabalho voluntário que a gente é muito cobrada pelas nossas famílias. Minha mãe acha, oh... [...] ‘Como é que tu vai ficar uma semana sem ver teu filho?’ Sei lá, coisas assim. [...] [Era] punk, pesado, pra gente [...]. Nenhuma de nós é mulher maravilha, a gente é maravilhosa, mas não é mulher maravilha! [risos] (KIM, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

É importante destacar, entretanto, que as colaboradoras mais antigas, que estão em um processo de afastar-se dessas ações, não guardam ressentimentos dos projetos. Elas apenas compreendem que o tempo e energia a ser dedicados a eles, acabaram. Nesse sentido, Rita afirma que, mesmo tendo saído do grupo, fica feliz em saber que, quando tinha energia, conseguiu contribuir de forma importante para a realização dessas ações em [CIDADE]. Nic, por fim, explicita:

Eu tenho um amor muito grande por esse projeto. Mas eu também entendo que ele não é um projeto meu. Ele é um projeto da comunidade. E se eu não tenho condições de continuar com ele, eu não posso continuar, porque ele é um projeto que ele precisa se renovar também. Ele precisa ter autonomia, precisa ter outras pessoas, tendo outros olhares pra ele, pra ele poder evoluir também. Então eu acho que é isso, que são ciclos (NIC, Caderno de entrevistas, 2019/2020).

Considerações finais

Encaminhando-me para o fim do doutoramento, destaco que o principal ganho com o uso da teoria da ação de Schütz na leitura dos dados de uma pesquisa em Educação Musical tem sido a compreensão do papel central do sujeito em qualquer ação músico-pedagógica, não apenas no que tange à execução do projeto, mas também à sua gênese, deliberação, e reflexão sobre seus resultados e estado de coisas atingido. Trata-se de uma teoria que pode ajudar a compreender a articulação que se dá entre pessoas e as práticas musicais nas quais elas se engajam, articulação esta central aos interesses da Educação Musical.



abem

Associação Brasileira
de Educação Musical



Por fim, aponto que o diálogo entre a Educação Musical e a Sociologia, em especial a partir dos estudos sociológicos de Schütz, poderá vir a contribuir com a fundamentação de outras pesquisas e com o desenvolvimento da nossa área como um todo.



Referências

FARIAS, Maria Amélia Benincá de. A entrevista na pesquisa qualitativa em Educação Musical: aportes metodológicos da Sociologia. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM. 25., 2021, evento on-line. *Anais eletrônicos...* 2021. Disponível em <
http://abemeducaçao musical.com.br/anais_congresso/v4/papers/714/public/714-4511-1-PB.pdf> Acesso em: 10 out. 2022

LIMERICK, Brigid; BURGESS-LIMERICK, Tracey; GRACE, Margaret. The politics of interviewing: power relations and accepting the gift. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 9, n. 4, p. 449-460, 1996. Disponível em <
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0951839960090406>> Acesso em: 12 jul. 2021

MELUCCI, Alberto. Busca de qualidade, ação social e cultura. In.: MELUCCI, Alberto. *Por uma Sociologia Reflexiva: Pesquisa qualitativa e cultura*. Tradução de Maria do Carmo Alves do Bomfim. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 25-42.

OAKLEY, Ann. Interviewing women: a contradiction in terms. In: ROBERTS, Helen. *Doing Feminist Research*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1981. p. 30-61

OAKLEY, Ann. Interviewing women again: power, time and the gift. *Sociology*. V. 50, no. 1, pp. 195-213. Londres: SAGE Journals. 2016. Disponível em: <
<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0038038515580253>> Acesso em: 22 abr. 2021

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina Nasser. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. pp. 43-94

SANTOS, Hermílio. Apresentação da edição brasileira. In: SCHÜTZ, Alfred. *A construção significativa do mundo social*. Tradução de Tomas Costada Costa. Petrópolis: Editora Vozes, 2018, p. 12-15.

SCHÜTZ, Alfred. *Collected Papers*. Haia: Martinus Nijhoff Publishers. 1962. V. I.

SCHÜTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Textos escolhidos de Alfred Schütz. Organização e introdução de Helmut R. Wagner. Tradução de Ângela Melin. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1979

SOUZA, Jusamara. Aprender e ensinar música no cotidiano: pesquisas e reflexões. In: SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 7-12